

## **ATA DA REUNIÃO DO CONSELHO MUNICIPAL DE ECONOMIA**

Aos trinta dias do mês de junho de dois mil e vinte e dois, pelas dez horas, reuniu na Sala das Sessões, no Edifício dos Paços do Concelho, o CME – Conselho Municipal de Economia, composto pelos representantes dos respetivos membros identificados na lista anexa à presente ata e que dela faz parte integrante – Anexo I, devidamente convocados para o efeito.

**O Senhor Presidente da CMP – Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira** cumprimentou os Senhores Conselheiros, o Presidente da Assembleia Municipal e o Senhor Vereador Ricardo Valente, e deu início ao Conselho Municipal de Economia – Casa dos 24 com a tomada de posse do Senhor Dr. Guilherme Costa.

**O Senhor Diretor Municipal da Presidência, Adolfo Sousa** leu a ata da tomada de posse do novo membro: “Aos trinta dias do mês de junho de dois mil e vinte e dois, pelas dez horas, no Edifício dos Paços do Concelho, a fim de ser empossado como membro do Conselho Municipal de Economia do Porto, também designado por “Casa dos 24”, nos termos do disposto no artigo 16.º do Regulamento do Conselho, compareceu perante o Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui de Carvalho Araújo Moreira, o seguinte novo representante designado pelo Despacho NUD/248301/2022/CMP do Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, nos termos da alínea m) do n.º 1 do artigo 4.º do respetivo Regulamento do Conselho: Manuel Guilherme Oliveira da Costa.

O Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui de Carvalho Araújo Moreira, após ter verificado, pelo conhecimento direto e pessoal, a identidade e a legitimidade do cidadão presente, declarou-o como membro do Conselho Municipal de Economia.

Para constar lavrou-se a presente ata que depois de lida e considerada conforme vai ser assinada pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal, pelo novo Membro do Conselho e por mim, Adolfo Sousa, que a redigi.”

### **Ordem de Trabalhos**

#### **1. Ata da reunião do Conselho Municipal de Economia de 27 de abril de 2022.**

**Aprovada, por unanimidade, pelos presentes na reunião de 27 de abril de 2022.**

#### **2. Desafios Económicos 2022:**

**- Cadeia Logística Global, Inflação e Crise Geopolítica.**

**O Senhor Vereador Ricardo Valente** apresentou os Desafios Económicos 2022.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** mostrou-se preocupado com o recuo, a curto prazo, nas medidas ambientais que estavam a ser tomadas por parte dos países europeus. Referiu que quando se pensa em reativar novamente as centrais de carvão na Europa compreende-se que, pelo menos a curto prazo, vai haver um retrocesso relativamente à transição que estava em curso.

Disse que em 1990 a Europa e os Estados Unidos dividiam entre si cerca de 80% da produção mundial de semicondutores e o Japão detinha os outros 20%. Em 2022, a Europa e os Estados Unidos têm apenas 20% e o Japão 10%.

Em relação à produção de baterias, os seis maiores produtores mundiais de baterias estão, neste momento, no extremo Oriente, o que também é outro fator relativamente à transição energética e a todas as transições digitais que estão em curso e isto deve preocupá-los.

Afirmou que estão preocupados com o impacto da inflação nas contas municipais, felizmente a CMP tem um baixo nível de endividamento e, portanto, não está muito exposta às consequências do aumento da taxa de juro. Disse que teme o efeito económico da inflação nas contas do Município, porque a despesa corrente do Município é uma despesa corrente inflexível que aumentou com a delegação de competências para o Município, ou seja, com a transferência de mão-de-obra não especializada do Estado. Referiu que essa mão-de-obra é inflexível, pois não depende da Câmara e é provável que os salários dessa mão-de-obra venham a ser ajustados por decisão do Estado Central. Sublinhou que os estudos demonstram que tem havido uma grande aceleração do custo da mão-de-obra do trabalho não especializado quando comparado com o trabalho especializado e, portanto, terão um impacto muito importante e muito relevante naquela que é a despesa corrente.

Explicou que a receita do Estado aumenta em função da inflação, porque quer o IVA quer o IRS aumentam gradualmente com a inflação; nos municípios a receita não varia em função da inflação.

Afirmou que teme que a situação se complique para os municípios portugueses e apesar da Cidade do Porto estar mais protegida não é uma ilha e, portanto, receia que a inflação, que dificilmente vai ser acompanhada por um acréscimo do rendimento das famílias principalmente daquelas que dependem do setor privado, possa vir a ter consequências muito nefastas, porque o crescimento é completamente anémico, exceto em atividades ligadas ao turismo. Sublinhou que receia as consequências para toda a economia da Cidade e depois as consequências sociais que isto pode acarretar. Acrescentou que tudo isto pode ser mitigado com medidas macroeconómicas e tinham a esperança que o PRR pudesse ser diferente.

Mostrou-se muito preocupado com o Portugal 2030, porque existe também aqui uma apropriação de verbas por parte do Estado Central, nomeadamente na Educação.

Afirmou que o Estado está claramente a desorçamentar em tudo aquilo que é a sua função social, isso é visível na saúde, na habitação, na educação e na ação social e, portanto, existe um impacto

que, a médio prazo, o preocupa. Referiu que não se vislumbram medidas que contribuam ativamente para uma aceleração da economia em áreas fundamentais, ou seja, o contributo português para a reconstrução de uma cadeia de valor europeia não parece ser opção. Sublinhou que não existem medidas impulsionadoras da economia, apenas a obsessão do centralismo. Afirmou que precisam de vozes que os ajudem a denunciar a situação. Referiu que existe uma grande contenção por parte de outros municípios. Acrescentou que têm um problema de ciclos autárquicos e a maior parte dos presidentes está a chegar ao fim do seu terceiro mandato e não são reelegíveis; esse mandato termina antes das próximas eleições legislativas e podem concluir por que razão há tanto silêncio, ou seja, porque daqui a três anos muitas pessoas vão andar à procura de emprego.

**O Senhor Presidente do Conselho Geral da UP – Universidade do Porto, Fernando Freire de Sousa** disse que está a decorrer a QSP SUMMIT na Exponor; a conferência está muito bem organizada, com oradores muito interessantes e com alguns milhares de pessoas a assistir. Referiu que os apoios que a organização teve foram ridículos quando comparados com outros apoios em outros locais do País.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que, comparando com o WEB SUMMIT, o apoio do Estado é de 1% à QSP SUMMIT. Sublinhou que a CMP apoiou na mesma dimensão do Estado Central.

Referiu-se ao Primavera Sound, dizendo que este tem um grande impacto na Cidade, atraindo muitos estrangeiros, no entanto, o apoio do Turismo de Portugal foi de 950 euros, o que é absolutamente insultuoso. Sublinhou que o Estado recolhe enormes receitas do IVA com este tipo de atividades.

Referiu que a Região Norte foi a mais forte durante a pandemia e tem sido a que tem recuperado mais, com taxas de ocupação superiores às outras Regiões.

Relativamente à descentralização, disse que as Direções Regionais vão ser incorporadas na CCDR – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional mas nenhuma das 13 mil instituições que existem em Lisboa vai ser extinta. Afirmou que a Regionalização vai ser a libertação de Direções Regionais, de órgãos intermédios desconcentrados para ficar na dependência de uma estrutura que depende diretamente das instruções do Estado Central e que depois tem de acolher as políticas regionais nomeadamente na atração de fundos daquilo que são decisões tomadas pelo Governo perante o silêncio sepulcral de todos.

**O Senhor Presidente do Conselho Geral da UP, Fernando Freire de Sousa** deu nota da notícia de que o Primeiro-Ministro revogou o despacho do Ministro das Infraestruturas, o que significa que podem ter aqui algum sinal acrescido de crise interna.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que a Ministra Ana Abrunhosa tem vindo a afirmar publicamente que o Governo é muito centralista e que as câmaras têm razão; considerou que Governo tem, à falta de Oposição, ministros de autocritica, ou seja, criticam-se uns aos outros para poderem decidir.

**A Associate Dean da Porto Business School, Patrícia Lopes** disse, sobre os desafios económicos, que acredita que é possível existir um conjunto de oportunidades para a Cidade e para a Região. Referiu que o cenário macroeconómico e os indicadores macroeconómicos são muito desfavoráveis, mas, do ponto de vista da organização das cadeias de valor, considera que as empresas estão a perceber que efetivamente têm de voltar a relocalizar os seus serviços para localizações próximas. Na sua opinião, esta é uma oportunidade para a Região Norte, aproveitando o talento que existe.

Sobre a questão do Centralismo, afirmou que estão a entrar numa espiral que é perigosa para todos e se querem crescer como o País têm de perceber que é necessário haver alguma harmonia em termos de coesão a todos os níveis.

Referiu-se a uma revista semanal cujo tema de capa era "os alunos que as empresas querem" e os subtemas "os melhores cursos e faculdades, o currículo ideal e os salários médios". Sublinhou que a reportagem, de 5 páginas, apenas refere a Universidade Nova de Lisboa e o Instituto Superior Técnico de Lisboa, o que, na sua opinião, é um péssimo serviço de jornalismo. Afirmou que isto significa que para estes jornalistas os cursos que as empresas querem são ministrados em duas universidades de Lisboa, o que é grave. Sublinhou que têm de mostrar que existe qualidade de ensino muitas Regiões e que as empresas querem muitos cursos em muitas Regiões, como o Porto, o Minho, a Beira Interior, entre outras.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que se analisarem o Censos verificam que a Região que está a crescer é a de Lisboa e Vale do Tejo, mas se analisarem as qualificações das pessoas ficam muito preocupados. Referiu que a migração, no caso da função pública, é impressionante, pois mais de 70% dos quadros qualificados da função pública estão em Lisboa, pois é lá que aparecem oportunidades. Salientou que existe uma migração desesperada para a capital do Império, assistindo-se a uma desertificação das colónias, o que significa o fim dos impérios.

**O Senhor Presidente da ACP – Associação Comercial do Porto, Nuno Botelho** disse, relativamente ao ciclo económico, que considera que existem grandes oportunidades para a Cidade e, sobretudo, para a Região.

Na sua opinião, a Cidade deve interagir bastante com a Região, o que, aliás, tem acontecido, pois a Cidade em si também não tem uma área nem massa crítica que justifique fechar-se sobre si mesma.

Afirmou que a Região Norte não têm órgãos de Comunicação Social e enquanto isso não acontecer não vão ter voz e dificilmente farão ouvir a sua voz.

Referiu que as pessoas que falam contra a centralização são atacadas e recebem visitas indesejáveis de forças ao serviço do Estado Português que os tentam silenciar.

Considerou que a Região tem um longo caminho a percorrer no que diz respeito à solidariedade e à união entre todos. Referiu que quando a questão é o centralismo em Lisboa eles unem-se todos e de uma forma muito clara e o inimigo é só um: o Porto e o Norte.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que a questão da Comunicação Social é uma questão muito antiga, que resultou do facto de o tecido empresarial e económico desta Região não ter compreendido algumas questões. Referiu que, em 2009, num livro que escreveu, citou o problema que foi para a Cidade do Porto uma das maiores empresas, então Unicer atualmente Super Bock, ter mudado todos os seus serviços de marketing para Lisboa, porque foi atrás das empresas que definem a alocação da publicidade, que têm um ótica regional.

Afirmou, invocando Miguel Veiga, que “Nós somos um prestígio à procura de poder” e continuam à procura de poder que é aquilo que define estas relações.

Concordou que há indícios de que existem fenómenos de potencial reindustrialização, muito mais capacitada do que no passado, mas tudo isso corre riscos, porque as grandes decisões da política pública portuguesa não são no sentido de promover essa forma de desenvolvimento económico. Sublinhou que as grandes decisões macroeconómicas não são de molde a propiciar a oportunidade que foi assinalada.

**O representante da ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários, Senhor Pedro Guerreiro** disse que existem muitas empresas em Lisboa que se queixam exatamente do mesmo que o Porto e, portanto, algum desse centralismo é tão centralismo que está concentrado em empresas em particular que são, de facto, sempre apoiadas pelo Governo e outras, independentemente da Região, não o são. Afirmou que existe uma questão de centralismo, mas há uma questão mais grave que é de regime.

Mostrou-se preocupado com a questão da alimentação e da cadeia de fornecimento que está em causa atualmente. Referiu que estão perante um cenário negativo e existe um conjunto de questões que o preocupa; questões muito centradas no fornecimento das matérias-primas, na questão ambiental, na questão industrial, na questão do acesso aos recursos humanos e nomeadamente da qualificação dos recursos humanos. Sublinhou que não podem esquecer que atualmente o orçamento familiar é atribuído à alimentação das famílias em cerca de 20% e, de acordo com os dados que têm, rapidamente vai chegar aos 40% e as famílias não vão ter capacidade para dar essa resposta e atribuir 40% do seu orçamento familiar à compra de alimentos.

Sublinhou que aquilo que, às vezes, erradamente têm vindo a atribuir à guerra na Ucrânia ou aos dois anos de pandemia, que pararam algumas indústrias, está inserido num ciclo muito mais



longo, que é muito preocupante e sobre o qual têm de refletir. Referiu que a China já comprou cinco e dez anos de várias produções como cacau, café, açúcar, entre outros. Acrescentou que os seus fornecedores habituais vão deixar de o ser.

Deu nota de que a ANJE identificou um conjunto de profissionais do setor alimentar para reunir e trabalhar este assunto, com o objetivo de tentar encontrar alternativas quer em relação aos fornecedores quer em relação aos produtos substitutos. Acrescentou que assim que tiverem algum resultado deste estudo darão de imediato nota à CMP.

**O representante da AMP – Área Metropolitana do Porto, Senhor Vicente Pinto** felicitou o Executivo pela apresentação realizada.

Abordou a questão da realocização dos locais de produção, dizendo que esta está relacionada com as matérias-primas, mas também com os subprodutos ou com as matérias subsidiárias e o Norte também tem de observar isso, porque com a realocização dos locais de produção haverá uma necessidade diferente de armazenamento; essa capacidade de armazenamento deve ficar no Norte e é preciso criar condições às empresas que estão a começar a ter muitas dificuldades por escassez na cadeia de fornecimento, nomeadamente nos portos de mar e isso afeta não só a capacidade produtiva como a competitividade das empresas na exportação.

Afirmou que, não podendo resolver a capacidade portuária no imediato, é preciso resolver a capacidade de armazenamento para que as empresas tenham um fluxo contínuo de produção. Considerou que não devem deixar escapar essas infraestruturas para o Sul, uma vez que a maior parte das empresas produtivas está no Norte.

**O representante da CGTP-IN – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical, Senhor Filipe Pereira** disse que a CGTP é a maior organização de massas do País e têm andado num périplo de plenários nos locais de trabalho, porque consideram que este é um momento de extrema complexidade e que está a afetar os mesmos de sempre, ou seja, aqueles que vivem do seu trabalho e que mesmo trabalhando são pobres.

Afirmou que a pandemia colocou a nu problemas estruturais do País, fruto de políticas e décadas políticas completamente erradas. Referiu-se às fragilidades do sistema de saúde, do sistema de educação e do sistema dos apoios sociais.

Sublinhou que vivem uma guerra, onde os mais prejudicados são, mais uma vez, os povos que estão a ser submetidos a condições desumanas. Sublinhou que é necessário terminar com este conflito, mas infelizmente não se vislumbra um fim. Mostrou-se preocupado com os posicionamentos de quem os governa tanto a nível nacional como a nível internacional. Afirmou que as decisões que têm sido tomadas pela União Europeia são muito a reboque dos ditames dos EUA, que são no sentido do agravamento da escalada da tensão.

Deu nota de que nos vários plenários que têm realizado os trabalhadores já têm vindo a relatar que o dinheiro, que já era pouco, já não chega ao fim do mês. Referiu que há trabalhadores a

abandonar os seus empregos para procurar emprego mais perto de casa, porque o dinheiro que ganham não chega para as deslocações para os seus locais de trabalho.

Afirmou que têm de entender aquilo que está a passar e não podem adotar aquelas que foram as políticas anteriores.

Alertou para a necessidade emergente de valorizar os salários, porque existem fatores que, muitas vezes, não conseguem controlar, nomeadamente os da especulação e os da própria inflação. Sublinhou que se não existirem políticas que caminhem no sentido da diminuição ou da eliminação do impacto desta situação terão, em breve, uma situação muito complicada.

Considerou que estão perante um momento muito complexo, muito grave e que implica tomadas de posições e políticas para aqueles que são os mais desfavorecidos nesta cadeia, infelizmente aquilo que têm visto por parte do Governo não caminha nesse sentido. Referiu que não é com medidas avulso e com medidas para esconder aquilo que se está a passar que vão resolver a situação. Sublinhou que é necessário que o Estado tome partido e decida ele próprio, por exemplo, o preço dos combustíveis.

Apelou para que não se cometam os erros do passado e para a necessidade de uma política completamente alternativa, uma política que defenda o mundo trabalho e os pensionistas, o que só é possível com o aumento geral dos salários e das pensões.

Afirmou que existem oportunidades no meio desta situação como a reindustrialização do País, nomeadamente da Região.

Considerou que é preciso apostar na produção nacional para serem sustentáveis.

Relativamente a Comunicação Social, disse que a mesma está de alguma forma ligada àquilo que é a capital e o centralismo. Na sua opinião, o Porto Canal, neste momento, está mais virado para o Futebol Clube Porto do que para a Região. Acrescentou que o Porto Canal devia estar mais focado no valor da Região e na promoção da mesma.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que se amanhã um vizinho de extrema-direita invadir a Vítor Cordon, pegar fogo aos escritórios, matar metade das pessoas que vivem no primeiro andar e depois disser que quer ficar com a entrada e ninguém pode sair; perguntou como é que isso se resolve sem pelo menos a ajuda dos outros vizinhos. Referiu que se isso acontecer na sua casa espera ter amigos para o ajudar. Afirmou que esta é a sua posição pessoal.

**O representante do Conselho de Administração da Impresa – SGPS, SA, Senhor Guilherme Costa** saudou todos os presentes.

Disse que o centralismo hoje é a crise do modelo centralista; há 20 anos o centralismo era um modelo que produzia efeitos regionalmente diferenciados, que era inaceitável por qualquer portuense ou por qualquer nortenho. Referiu que a primeira questão que se aprende, para quem viveu diariamente em Lisboa, é que o centralismo é uma maneira de pensar. Sublinhou que é capaz de antecipar aquilo que um centralista vai dizer sobre os vários problemas da economia,

as várias decisões de investimento público e as várias tomadas de posição do Presidente da República.

Realçou que a questão da Comunicação Social é importante e exige investimento. Referiu que atualmente a Comunicação Social está totalmente subordinada a determinadas forças que impactam de forma particularmente forte na Comunicação Social tradicional e que também as vai levar a determinada crise. Considerou que deviam refletir sobre esta questão.

Afirmou que a Região de Lisboa está em crise produtiva. Referiu que os números que se podem trabalhar sobre o sistema produtivo mostram que, há 20 anos, Lisboa tinha uma superioridade tecnológica em relação à macrorregião do noroeste industrial; atualmente a macrorregião do noroeste industrial, do ponto de vista dos indicadores tecnológicos, alcançou e, de certa forma, até ultrapassou a Região de Lisboa.

Disse que combater o centralismo também é defender um modelo que existe na Região Norte e que é alternativo ao modelo que existe na Região de Lisboa, que está totalmente esgotado. Explicou que o modelo da Região Norte é um modelo de base empresarial e não um modelo de capitalismo autoritário ou centralista.

Perguntou como é que desenvolvem o seu ecossistema empresarial geograficamente localizado. Disse que há uma atividade empresarial com alguma robustez acrescida por um fenómeno provocado pelas regras europeias, que foi a aplicação de dinheiros dos quadros comunitários de apoio nas associações empresariais e em centros tecnológicos e, portanto, há excelentes empresas no noroeste industrial, mas o seu peso institucional e o seu peso financeiro é nulo.

Afirmou que, do ponto de vista financeiro, perderam, nestes 20 anos, centros de decisão financeira próximos da atividade empresarial e industrial do País.

Referiu que existe uma luta que passa por uma estratégia, onde o Porto pode ter um papel extremamente dinâmico. Considerou que podem ser um elemento importante, dinamizador de um projeto que assente na capacidade empresarial acrescida por uma outra dimensão tecnológica que conseguiram construir nos 20 anos, mas que tem de quebrar a "tenaz centralista" quer no domínio institucional, quer no domínio financeiro. Na sua opinião, é preciso definir uma estratégia, que é muito difícil, mas que é nacional, porque com este modelo o País vai implodir um dia destes. Sublinhou que essa estratégia tem que criar um nível institucional poderoso entre os municípios e o Estado Central.

Acrescentou que o modelo financeiro que criou a crise de 2011/2012 e que se prepara para criar uma crise tão grave quanto essa, em que a poupança não é dirigida para o investimento produtivo, mas é dirigida para investimento patrimonial; enquanto essas duas questões não forem ultrapassadas, vão passar as reuniões a lamentarem-se do centralismo crescente.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que a visão do Tribunal de Contas é a de que o melhor para o município é fazer o *outsourcing* de tudo, até *outsourcing* do seu poder.

Na sua opinião, há competências que, por questões de poder e de poder democrático, devem estar no município, mas quando o Tribunal de Contas tem esta visão, esta resulta de um profundo centralismo.

Referiu-se à aplicação da legislação relativamente às empresas públicas quando comparadas com os municípios, dizendo que as empresas públicas tem muito mais autonomia do que os municípios. Deu como exemplo a questão do licenciamento das obras, ou seja, uma empresa pública pode fazer obras basicamente sem licenciamento e nem sequer precisam de respeitar os planos diretores municipais. Lembrou o que se passou na Estação de São Bento onde foi construído um hotel, sem conhecimento do Município.

Afirmou que o Município não pode participar na cadeia de valor, o que constitui uma visão profundamente ideológica.

**Foi dado conhecimento.**

### **3. Contributos para o PULSAR – Plano Estratégico de Desenvolvimento Económico do Porto.**

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que apresentaram o PULSAR aos Senhores Conselheiros e para já não surgiram contributos.

**O representante da CGTP-IN, Senhor Filipe Pereira** disse que, no dia anterior, enviou os seus contributos.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que ainda não teve acesso aos mesmos, mas assim que tiver irá pedir para serem distribuídos aos Senhores Conselheiros.

**O Senhor Presidente do Conselho Geral da UP, Fernando Freire de Sousa** disse que não enviou por escrito, mas, na última reunião, deu alguns contributos que poderiam ser trabalhados.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que os contributos do Senhor Professor Freire de Sousa já estão incorporados.

Afirmou que têm de convidar alguém para chefe de missão e gostava que o chefe de missão fosse o Senhor Professor Freire de Sousa. Convidou o Senhor Professor Freire de Sousa para chefe de missão. Perguntou se os Senhores Conselheiros concordam com este convite.

**Os Senhores Conselheiros concordaram com o convite do Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira.**

**O Senhor Presidente do Conselho Geral da UP, Fernando Freire de Sousa** agradeceu o convite, a simpatia e a confiança, mas considera que a aceitação do convite depende de alguns detalhes que não se podem esclarecer neste circuito. Afirmou que fica o registo, mas não fica a aceitação.

**O Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** disse que é uma aceitação condicionada às condições que sejam proporcionadas para poder desempenhar esta missão.

Referiu que irá reunir com o Senhor Professor Freire de Sousa e com o Senhor Vereador Ricardo Valente para garantir que este convite é aceite.

**Foi dado conhecimento.**

Nada mais havendo a tratar, pelas onze horas e trinta minutos, o **Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira** agradeceu os contributos de todos e deu por encerrada a sessão da qual se lavrou a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente da CMP, Rui Moreira.

O Presidente da Câmara Municipal do Porto

Rui Moreira



## ANEXO I

### Lista de Presenças



Conselho Municipal de Economia do Porto /  
Casa dos 24

Reunião Ordinária, de 30/06/2022  
Lista de Presenças

Página 1 de 3

Entidade	Representante	Assinatura
Câmara Municipal do Porto	Rui Moreira	
Assembleia Municipal do Porto	Sebastião Feyo de Azevedo	
Pelouro das Finanças, Atividades Económicas e Fiscalização, Economia, Emprego e Empreendedorismo.	Ricardo Miguel Araújo Cardoso Valente	
ACP – Associação Comercial do Porto	Nuno Botelho	
ACP – Associação de Comerciantes do Porto	Joel André Azevedo	
AEP – Associação Empresarial de Portugal	Nuno Torres	
Aeroporto Francisco Sá Carneiro	Fernando Gaspar Vieira	
AICCOPN – Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte	Manuel Joaquim Reis Campos	
AMP – Área Metropolitana do Porto	Vicente Pinto	
ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários	Pedro Guerreiro	
CGTP-IN – Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical	Filipe Manuel Pereira	
Comunidade Portuária do Douro e Leixões	Diogo Magalhães	



IPP – Instituto Politécnico do Porto	Fernando Magalhães	
Universidade do Porto	José Manuel Varejão	
UGT – União Geral de Trabalhadores	Clara Qental	
<b>Representantes designados pelo Senhor Presidente da Câmara</b>		
Economista	José Manuel Marques da Silva Lemos	
Gestora de Marketing	Inês Santos Silva	
Administradora Não-Executiva da Altri	Maria do Carmo Guedes Antunes de Oliveira	
UP- Presidente do Conselho Geral	Fernando Freire de Sousa	
Vogal do Conselho de Administração da Impresa – SGPS, SA	Manuel Guilherme Oliveira da Costa	
Fundador e CEO da Uniplaces	Luís Miguel Gonçalves Vieira Santo Amaro	
Administrador	José Carlos Caldeira	
Chief Corporate Center Officer - Sonae	Luís Filipe Reis	
Empresário	Miguel Espigueira Mendes Pereira Leite	



Conselho Municipal de Economia do Porto /  
Casa dos 24

Reunião Ordinária, de 30/06/2022  
Lista de Presenças

Página 3 de 3

Empresário	Vasco Mourão	
Administrador	Francisco Ramos	
Associate Dean da Porto Business School	Patricia Teixeira Lopes	